

O fracasso português: por que Portugal nunca conseguiu vencer o Eurovisão?

ポルトガルの失敗

—ポルトガルがユーロビジョンに優勝できなかったのは何故か—

Mauro NEVES

ユーロビジョンにおけるポルトガルの参加は今年（2011年）45年目を迎えた。ポルトガルは、ユーロビジョンに参加した歴史が長いにもかかわらずいまだ優勝したことがない。なぜポルトガルが優勝できなかったかを探求することが本論の主な目的である。

この長い間、様々な出来事がポルトガルの参加に影響を与えてきた。ヨーロッパ放送協会（EBU）のメンバーでポルトガル代表の選出を担当するポルトガル国立放送局（RTP）による選出は、サラザール時代、ポルトガルの対外イメージを考慮したものとは言えなかったが、カエタノ時代にはポルトガルの伝統的なイメージから離れ、独裁政権下にもかかわらず比喩を豊富に使用しながらポルトガルの状況を表現することを試みた。1974年の革命以降も RTP はユーロビジョンの参加を続けたが、選出された代表はポルトガル国内で成功を手に入れても、ユーロビジョンでは良い結果に恵まれなかった。

本論でポルトガルにとってユーロビジョンがどのような存在であったのか（あるのか）、さらに、まだユーロビジョンに優勝したことがないポルトガルに、現在までの参加の歴史を踏まえ、優勝の可能性がどの程度あるのかを考えてみたい。

I. Introdução

Neste artigo pretendemos acompanhar a participação portuguesa no Festival Eurovisão da Canção (Eurovisão) nas 45 vezes em que o país

tomou parte e, através da análise desse percurso histórico, discutir-se porque Portugal não conseguiu ainda ganhar o festival europeu.

Quando Portugal participou pela primeira vez do Eurovisão, em 1964, o festival já contava com oito anos de experiência e entrava, então, na sua nona edição.

Não há nenhuma dúvida de que vários fatores afetaram a participação do país no festival europeu, sendo o principal deles, no entanto, a passagem de um regime ditatorial de linha dura, durante os últimos anos da inferência direta de Salazar – neste caso entre 1964 e 1968 – para um regime ainda ditatorial, mas com uma censura mais branda em muitos aspectos, sob a direção de Marcelo Caetano (1968-1974), em que os letristas se utilizaram das mais variadas metáforas para criticar a situação social em que o país vivia, e mais ainda a Revolução dos Cravos (1974) que pôs fim ao longo período de ditadura em Portugal, criando uma política cultural marcada nos seus primeiros anos –sobretudo do ponto de vista musical – por procurar mostrar a imagem de um novo Portugal.

Portugal é o país que tem participado há mais tempo do Eurovisão sem nunca ter conseguido ganhá-lo. Não só Portugal ainda não conseguiu a vitória, mas até o presente momento não conseguiu ainda ficar entre os cinco países melhores classificados, já que a sua melhor colocação no festival segue sendo a sexta posição alcançada por Lúcia Moniz, em 1996.

Para procurar compreender melhor a história da participação portuguesa no Eurovisão, bem como porque o país nunca conseguiu alcançar a vitória, vamos dividir essa análise em oito partes, tomando por base não só as diferentes formas com que a Rádio e Televisão de Portugal (até 2004, Radiotelevisão Portuguesa, RTP) procedeu na escolha do representante do país no Eurovisão, mas também as mudanças históricas em Portugal.

Esperamos que esse artigo possa não só esclarecer o que representou (e ainda representa) para Portugal a sua participação no Eurovisão,

bem como, possa vir a ser a procura de uma forma que leve Portugal à tão esperada (e desejada) vitória no festival europeu.

II. Portugal chega ao Eurovisão, mas ninguém percebe (1964-1969)

A história da participação portuguesa no Eurovisão começa em 1964, quando pela primeira vez o país resolveu tomar parte no festival europeu.

Pode-se dizer que esta história está quase que totalmente ligada à realização do Festival RTP da Canção (entre 1964 e 1975 conhecido como Grande Prémio TV da Canção Portuguesa e tendo passado por outras denominações entre 1976 e 1978), programa que foi utilizado, com raras exceções (1988, 2003, 2004 e 2005), para selecionar o candidato que iria representar Portugal no festival europeu.¹

A primeira seleção de um candidato português para o Eurovisão foi realizada, assim, pela RTP no dia 2 de fevereiro de 1964 com 12 canções², entre as quais sagrou-se campeã, *Oração*, interpretada por António Calvário (1938-)³, um dos nomes mais famosos do nacional-cançonetismo⁴,

1 Para maiores detalhes sobre a história do Festival da Canção, bem como da televisão em Portugal como um todo, sugerimos consultar Cádima, Francisco Rui, *Salazar, Caetano e a televisão portuguesa*. Lisboa, Editorial Presença, 1996. Sugerimos também a consulta ao site criado pelos fãs portugueses do festival e que é de enorme importância para se conhecer a sua evolução, mais especificamente, e diretamente do ponto de vista do público português: <http://festivais.home.sapo.pt>, site este que foi por nós consultado diversas vezes por ocasião da elaboração desse artigo.

2 A análise das participações portuguesas no Eurovisão foi por nós realizada com base nas imagens disponíveis dessas respectivas participações, à exceção de 1964, quando utilizamos as imagens disponíveis da seleção nacional, por motivo que será explicado no texto, a seguir.

3 Para maiores detalhes sobre a carreira de António Calvário sugerimos a leitura da sua autobiografia: Calvário, António, *Histórias da minha história*. Lisboa, Guerra e Paz, 2008.

4 O conceito do que viria a ser propriamente o nacional-cançonetismo é bastante vago, sendo um termo que veio a ser adotado para referir-se à música popular portuguesa existente entre o pós-guerra e a Revolução, excluídos o fado e o folclore, posteriormente por ocasião do aparecimento do canto de intervenção. Isso é ressaltado na análise do canto de intervenção efetuada por Raposo, Eduardo M., *Canto de intervenção: 1964-1974*, 3.ed. rev. e aum. Lisboa, Público, 2007.

o gênero de música popular portuguesa mais popular nessa época, além do fado, e que era, em grande parte, promovido pelo regime ditatorial na rádio e na televisão.

Infelizmente não restam imagens da participação de António Calvário, como de quase todo o programa europeu organizado pela TV dinamarquesa em 1964, apenas algumas fotos, mas o que restou de concreto é que Portugal, mesmo tendo sido representado por um de seus maiores nomes da canção popular de então, ficou não só na última posição no evento europeu, como não recebeu nenhum ponto, amargando a estreia com um zero como resultado.⁵

Tinha início, assim, a história de deslizes das apresentações portuguesas no Eurovisão, marcada, como iremos ver, pela escolha muitas vezes de sucessos a nível nacional que não se refletiram a nível europeu.⁶

A segunda representante portuguesa foi escolhida no dia 6 de fevereiro de 1965 entre 8 canções, sagrando-se vencedora, *Sol de inverno*, interpretada por Simone de Oliveira (1938-), outro dos grandes nomes da música popular portuguesa, não só do nacional-cançonetismo, mas de todos os tempos.

Com Simone de Oliveira temos as primeiras imagens de uma canção interpretada em português no Eurovisão que chegaram até nós. E foi uma interpretação sentida, com a utilização de vários *close ups*, mas que não conseguiram dar a Portugal uma boa colocação, ficando o país na décima-terceira posição entre os 18 países participantes, tendo recebido meramente um ponto.

5 Fato este considerado como uma humilhação por O'Connor, John Kennedy, *Eurovision Song Contest: Le livre officiel des 50 ans*. Paris, Maxi-Livres, 2005, p.24. O'Connor comenta ainda na mesma página ser uma surpresa que mesmo com essa estreia Portugal tenha seguido insistindo em participar no festival europeu ano após ano.

6 Uma análise mais profunda da falta de sucesso da música portuguesa no contexto europeu pode ser observada com uma leitura da recente obra de Vargas, António Pinho, *Música e poder: para uma sociologia da ausência da música portuguesa no contexto europeu*. Coimbra, Ed. Almedina, 2011.

A escolha da terceira representante portuguesa foi realizada no dia 15 de janeiro de 1966, sagrando-se vencedora entre as 8 canções candidatas, *Ele e ela*, interpretada por Madalena Iglésias(1939-), o outro grande nome do nacional-cançonetismo.⁷

Madalena Iglésias mostrou-se muito mais extrovertida na sua apresentação no Eurovisão que António Calvário ou Simone de Oliveira, provavelmente porque o ritmo da sua canção, muito próximo do *twist*, assim o permitia, dando novamente a Portugal a décima-terceira colocação entre os 18 países participantes, só que agora recebendo 6 pontos.

Em 1967 a RTP resolveu arriscar mais na escolha da campeã do Grande Prémio, realizando duas semi-finais (11 e 18 de fevereiro) com seis canções cada, das quais classificavam-se para a final três, e uma final no dia 25 de fevereiro com seis canções, onde sagrou-se campeão Eduardo Nascimento (1944-), de origem angolana, com a canção *O vento mudou*. Essa veio a ser a primeira vez que Portugal optou por enviar um negro como seu representante, sendo que Eduardo Nascimento veio a ser também o primeiro cantor negro⁸ a apresentar-se no Eurovisão, mas nessas circunstâncias, ainda sob o salazarismo, com a intenção nítida de mostrar ao público europeu em geral a filosofia da integração racial e das colónias africanas como províncias do ultramar completamente integradas à nação portuguesa.⁹

Eduardo Nascimento interpretou sua canção com entusiasmo no Eurovisão, mas Portugal conseguiu apenas a décima-segunda posição entre os 17 países participantes, recebendo apenas 3 pontos.

Em 1968 a RTP voltou ao sistema de apenas uma final para a sua seleção do representante português, realizada no dia 4 de março, porém

7 É possível constatar-se a importância de Madalena Iglésias para a música popular portuguesa, sobretudo, na fotobiografia organizada por Carvalho, Maria de Lourdes De (ed.), *O meu nome é Madalena Iglésias*. Lisboa, ACD Ed., 2008.

8 Fato esse ressaltado por O'Connor, *Op. cit.*, p. 24.

9 Conforme comenta também Gambaccini, Paul et. al., *The Complete Eurovision Song Contest Companion*. London, Pavilion Books, 1998, p.42.

umentando o número de canções candidatas para 10, entre as quais sagrou-se campeã *Verão*, interpretada por Carlos Mendes (1947-), o primeiro representante português que pertencia a um gênero musical que não o nacional-cançonetismo, tendo sido um dos primeiros representantes do roque nacional.

Verão foi a primeira canção portuguesa com ares modernos¹⁰ a ser apresentada no Eurovisão, já que uma canção de ritmo muito próxima do pop anglo-saxão que tinha sucesso então, com Carlos Mendes movendo-se ao ritmo da canção enquanto a interpretava. Eram sinais de novos tempos na música portuguesa, mas mesmo assim a canção não conseguiu mais do que 5 pontos, classificando-se em décimo-primeiro lugar entre os 17 países participantes.

Seguir-se-ia, então, o choque de 1969.¹¹

Em 1969 a RTP voltou a seguir a mesma estratégia do ano anterior para selecionar o representante português, uma final com 10 canções, realizada no dia 24 de fevereiro, onde sagrou-se campeã *Desfolhada portuguesa*, interpretada por Simone de Oliveira, uma canção de grande impacto, tanto do ponto de vista da sua letra, que a colocava com um poema de Ary dos Santos como uma das primeiras representantes de um novo gênero musical, o das canções de intervenção, quanto da sua música, que unia ritmos folclóricos, guitarra portuguesa e pop moderno.

Antes da realização do Eurovisão em Madri muito se falou na imprensa europeia, prevendo-se que a canção portuguesa era uma das candidatas mais fortes a conquistar a vitória no evento.

Simone de Oliveira interpretou sua canção primorosamente, muito bem vestida¹², com enorme garra, acompanhada de duas coristas e

10 Sendo mesmo *Verão* uma das poucas canções a concurso que refletiam o moderno pop de então, como ressalta O'Connor, *Op. cit.*, p. 32.

11 Sobre as expectativas criadas pela mídia portuguesa e espanhola em torno do possível sucesso da canção portuguesa, bem como sobre a repercussão negativa criada pelo resultado final injusto para Portugal, aconselhamos a leitura de Bemfeita, Alberto, *Ary dos Santos: O homem, o poeta, o publicitário: Fotobiografia*. Lisboa, Ed. Caminho, 2003, pp. 49-55.

12 Conforme ressalta O'Connor, *Op. cit.*. p. 37.

muitos gestos.

E para quem vê o Eurovisão hoje com olhos imparciais e a distância do tempo é inegável que Portugal tinha em 1969 a melhor canção entre as 16 candidatas.

No entanto, o Eurovisão de 1969 acabaria marcado por uma votação confusa que terminaria com o resultado inesperado de um empate entre quatro canções na primeira colocação, sendo que nenhuma delas a portuguesa, a qual ficou injustamente com a décima-quinta posição.

Como não havia, então, nenhuma disposição regulamentar por parte da União Europeia de Radiodifusão (UER) de como proceder-se no caso de empate, as quatro canções foram reconhecidas como campeãs, o que viria a acontecer apenas nesse ano, e que afetaria o Eurovisão do ano seguinte, quando cinco países, um deles Portugal, optariam por abandonar o evento até que fossem efetivados um regulamento e um sistema de votação mais eficazes.

Foram seis anos consecutivos de participação portuguesa no Eurovisão com resultados muito aquém do esperado, principalmente em 1969, mas que refletiam vários aspectos da música popular portuguesa e da sua evolução, já que Portugal começou vendo-se representado pelo nacional-cançonetismo, gênero representativo do regime salazarista, mas acabou a década vendo-se representado por duas novas tendências da música popular portuguesa nascidas na década de 60: a música de intervenção, utilizando-se sutilmente de metáforas para criticar a ditadura, agora sob Marcelo Caetano, mas ainda com laivos incontestes do salazarismo, e a música popular portuguesa com influências da música pop estrangeira, notadamente anglo-saxã, mas também italiana e francesa.

Portugal poderia ter sido melhor classificado em 1964, 1965, 1966 e 1967, anos marcados por canções pouco representativas, talvez à exceção das respectivas vencedoras; não tinha chance nenhuma de ganhar, embora talvez tivesse podido ter tido uma melhor colocação em 1968, um ano marcado por fortes concorrentes, sobretudo a Espanha, que sagrou-se campeã, o Reino Unido, que perdeu por um ponto, e a

França; mas, foi definitivamente injustiçado em 1969, quando merecia ter ganhado o evento.

Muito do insucesso de Portugal nesses seus primeiros anos de participação deve-se a sistemas de votação mal elaborados e incertos, mas também a uma imagem negativa do país perante os outros países europeus devido à continuidade da ditadura salazarista.

III. Do boicote à Revolução (1970-1974)

Mesmo tendo decidido não tomar parte no Eurovisão de 1970, como também fizeram outros países, como forma de mostrar sua insatisfação com o resultado de 1969, a RTP realizou no dia 22 de maio o VII Grande Prémio TV da Canção, no qual competiram 10 canções, entre as quais sagrou-se campeã *Onde vais rio que eu canto*, interpretada por Sérgio Borges (1944-).

Em 1971, visando retornar ao Eurovisão, a RTP realizou no dia 11 de fevereiro o VIII Grande Prémio TV da Canção com 9 canções competindo, onde sagrou-se campeã *Menina do alto da serra*, interpretada por Tonicha (1946-), novamente uma canção com poema de Ary dos Santos e com ares de música folclórica.

Tonicha apresentou-se no Eurovisão com um traje de tons folclóricos¹³ e acompanhada de três cantores de fundo e um violonista, interpretando sua forte canção com muitos gestos e de forma bastante sentida, o que lhe valeu a nona posição entre os 18 países participantes, ou seja, a melhor colocação de Portugal na competição até então.

Parecia que Portugal tinha finalmente entrado para a comunidade eurovisiva e começado a ser reconhecido pelo público europeu em geral.

Entusiasmada com o resultado de 1971, a RTP realizou no dia 21 de fevereiro de 1972 mais uma edição do Grande Prémio TV da Canção, onde competiram 8 canções e sagrou-se campeão novamente Carlos

13 Um dos primeiros figurinos portugueses a ser criticado, como também observa O'Connor, *Op. cit.*, p. 47.

Mendes com a canção *A festa da vida*, representante da música de intervenção que se fazia então em Portugal, repleta de metáforas, mas com um conteúdo marcadamente crítico ao regime de Marcelo Caetano.

Carlos Mendes representou Portugal no Eurovisão com muita garra e deu ao país uma colocação ainda melhor que em 1971: sétima posição entre 18 países.

Seguindo entusiasmada com o resultado obtido no ano anterior, a RTP realizou no dia 26 de fevereiro de 1973 mais uma edição do Grande Prémio TV da Canção, onde competiram 10 canções e sagrou-se campeão Fernando Tordo (1948-), como Carlos Mendes, também originário do grupo de roque Sheiks, com a canção *Tourada*, mais uma vez um poema de Ary dos Santos para uma canção de intervenção repleta de metáforas contra o regime marcelista.¹⁴

Fernando Tordo representou Portugal no Eurovisão acompanhado por três instrumentistas, incluindo dois violonistas, com uma interpretação cheia de gestos ligados ao tema da tourada, levando Portugal para a décima posição entre 17 países.

Mesmo com o resultado de 1973 não tendo sido tão bom quanto o dos dois anos anteriores, a RTP continuou com o sistema de uma seleção nacional com 10 canções, realizada no dia 7 de março de 1974, às portas do fim da ditadura no país.

Sagrou-se vencedor Paulo de Carvalho (1947-), um dos fundadores do grupo de roque Sheiks, com a canção *E depois do adeus*, que viria a ser uma das senhas para a Revolução de 25 de abril de 1974 e, por isso mesmo, tornar-se-ia uma das canções mais famosas do cancioneiro popular português.¹⁵

14 Ary dos Santos chegou até mesmo a ser detido pela polícia do regime por alguns dias devido ao conteúdo da canção, como ressalta Gambaccini, *Op. cit.*, p. 60.

15 Fato ressaltado tanto em O'Connor, *Op. cit.*, p. 59, como em Gambaccini, *Op. cit.*, pp. 62-63. Esse fato é ainda ressaltado como uma das mais importantes conexões entre alguma das canções já apresentadas no Eurovisão e a Europa como um todo em Raykoff, Ivan, "Camping on the borders of Europe" in: Raykoff, Ivan and Robert Deam Tobin (ed.), *A Song for Europe: Popular Music and Politics in the Eurovision Song Contest*. Hampshire, Ashgate, 2007, p. 5.

Infelizmente, apesar da interpretação impecável de Paulo de Carvalho no Eurovisão, Portugal ficou como um dos últimos colocados, juntamente com a Noruega, a Alemanha e a Suíça, no ano que foi o último a ter um sistema de votação incerto e inadequado.

Terminava assim a segunda fase da participação portuguesa no Eurovisão, a qual se iniciara com o boicote de 1970, tivera momentos de certa glória para Portugal entre 1971 e 1973, mas findava por ver o país novamente na última posição.

Foram anos em que as participações portuguesas foram nitidamente dominadas pela música de intervenção que começava a contribuir para minar o regime salazarista (agora já marcelista) e que já tinha, em grande parte, superado o nacional-cançonetismo, com a presença de grandes nomes dessa nova geração de intérpretes (Tonicha, Carlos Mendes, Fernando Tordo e Paulo de Carvalho), mas que não conseguiram dar a vitória a Portugal no festival europeu.

IV. Um novo Portugal (1975-1977)

Os três anos que se seguiram à Revolução, e que viram a reestruturação não só de Portugal como um todo, mas obviamente da RTP também, ficaram marcados do ponto de vista da escolha do representante português para o Eurovisão pela procura da afirmação de uma nova identidade portuguesa fora das fronteiras nacionais, visando mostrar uma nova imagem de Portugal, a imagem do Portugal democrático e livre.

Talvez ainda por ter apenas iniciado o processo de sua reestruturação, em 1975 a seleção nacional da canção portuguesa para o Eurovisão tenha sido ainda realizada pela RTP nos mesmos moldes de até então.

Sendo assim, realizou-se no dia 7 de março de 1975 o XII Grande Prémio TV da Canção Portuguesa, onde competiram 10 canções e sagrou-se campeão Duarte Mendes (1947-), um dos capitães a ter tomado parte na Revolução do ano anterior e que tinha já também uma

carreira como cantor, com a canção *Madrugada*, a primeira canção de intervenção sem metáforas e sem censura a poder representar Portugal.¹⁶

Duarte Mendes representou Portugal no Eurovisão com muita garra, uma interpretação impecável e muito sentida, com um cravo vermelho na lapela, e acompanhado de três coristas, mas não obteve sucesso, conseguindo para Portugal apenas a décima-sexta posição entre os 19 países participantes.

No ano seguinte, em grande parte já reestruturada sob o regime democrático, a RTP realizou um processo de seleção diferente para o Eurovisão no dia 22 de fevereiro, sob o nome *Uma Canção para a Europa*, com oito canções, todas interpretadas por Carlos do Carmo (1939-), consagrado fadista. A canção vencedora, no entanto, não foi um fado, mas sim, *Uma flor de verde pinho*, um poema de Manuel Alegre¹⁷, que construía uma nova imagem de Portugal, agora longe do nacionalismo da ditadura salazarista, das guerras na África e da imagem tristonha e saudosista.

Carlos do Carmo, além de fadista, um dos cantores portugueses mais consagrados de sua geração, interpretou essa canção no Eurovisão acompanhado por uma viola, uma guitarra portuguesa e um piano. Foi uma interpretação impecável – e o que Portugal chegou até hoje mais perto de ter enviado um fado para o Eurovisão – mas não obteve o sucesso esperado, não conseguindo mais do que a décima-segunda posição entre os 18 países participantes.

Talvez pelo resultado não ter sido bem o esperado, ou pela necessidade de tentar mostrar uma nova imagem da música e da televisão portuguesas, a RTP tenha inovado novamente em 1977, realizando uma seleção nacional composta por sete canções interpretadas em duas versões diferentes, convertendo-se assim em 14

¹⁶ Fato esse ressaltado em Raykoff, *Op. cit.*, p. 5.

¹⁷ Poeta que havia lutado pela Revolução e que era, então, deputado pelo Partido Socialista Português, como ressalta também Gambaccini, *Op. cit.*, p. 69.

canções candidatas, sob o nome *As Sete Canções*, no dia 12 de fevereiro.

Sagrou-se vencedora a canção *Portugal no coração*, poema de Ary dos Santos e música de Fernando Tordo, sob a interpretação do grupo vocal Os Amigos, composto especialmente para a seleção nacional por Fernando Tordo, Ana Bola, Paulo de Carvalho, Luísa Basto, Fernanda Piçarra e Edmundo Silva.

Portugal no coração era uma canção que na sua letra retratava o novo Portugal saído da Revolução, chegando mesmo a pedir perdão pela morte levada a tantos africanos durante os anos de guerras coloniais impetradas pela ditadura salazarista, sendo já mais do que uma canção de intervenção, uma canção de afirmação desse novo Portugal.

A interpretação do grupo no Eurovisão foi marcada pela simplicidade, mas também pelo seu ar de felicidade, mais um dos aspectos do novo Portugal saído da Revolução – o do adeus à imagem de um povo triste – com dois dos cantores, um deles Fernando Tordo, acompanhando-se na viola e com as três cantoras vestidas com saias estilizadas utilizando típicos xailes portugueses.

No entanto, o esforço de mostrar um novo Portugal à Europa não alcançou mais do que o décimo-quarto lugar entre os 18 países participantes.

Esses três anos em que Portugal procurou mostrar sua nova imagem democrática ao público europeu não trouxeram sucesso para o país no festival europeu, mas foram três anos em que Portugal mostrou-se livre de toda a carga moral imposta pelo regime salazarista e que, com poemas fortes e profundos, afirmou-se através da sua música popular como país democrático por excelência.

Infelizmente, foram anos em que mais uma vez fez-se claro que canções e cantores de sucesso dentro do país não necessariamente significavam o sucesso fora do país.

V. O pop português chega ao Eurovisão (1978-1988)

A partir de 1978, a RTP deixou de investir na escolha de canções que

tivessem poemas profundos e que procurassem mostrar a imagem de um novo Portugal, voltando-se para a apresentação de ritmos populares, fazendo com que o novo pop português chegasse ao Eurovisão.

No dia 18 de fevereiro de 1978 realizou-se, assim, sob o nome de *Uma Canção Portuguesa*, a seleção nacional do representante português, onde competiram 12 canções e sagraram-se vencedores os Gemini, grupo pop português composto por Tozé Brito, Mike Sergeant, Teresa Miguel, Isabel Ferrão e Jorge Hipólito, com a canção *Dai li dou*, uma canção com ritmo dançante, mas letra bastante pobre.

A interpretação dos Gemini no Eurovisão foi pobre, tanto do ponto de vista vocal, como do ponto de vista da coreografia e do figurino, o que não contribuiu nada para melhorar uma letra pobre e uma canção completamente esquecível, que passou praticamente despercebida entre os 20 concorrentes e obteve apenas a décima-sétima posição.

Em 1979 a seleção nacional recebeu pela primeira vez o nome que a marcaria definitivamente: Festival RTP da Canção.

O Festival RTP da Canção foi realizado dividido em três semi-finais, realizadas respectivamente nos dias 3, 10 e 17 de fevereiro, com 9 canções cada, das quais 3 classificavam-se para a final, realizada com 9 canções no dia 23 de fevereiro.

Sagrou-se campeã depois dessas quatro semanas de competição nacional a canção *Sobe, sobe, balão sobe*, interpretada por Manuela Bravo (1957-), uma das cantoras portuguesas mais populares de então.

Manuela Bravo interpretou sua canção, que viria a se tornar numa das canções mais famosas do cancioneiro popular português, com graça e bastante domínio de palco, trazendo Portugal de volta aos dez primeiros colocados, obtendo a nona posição entre os 19 países participantes.¹⁸

Em 1980, com o sucesso obtido por Manuela Bravo no ano anterior,

18 Embora O'Connor, *Op. cit.*, p. 77 tenha comentado de forma negativa sobre esse resultado, acreditamos que tenha sido uma das melhores representações de Portugal no Eurovisão.

a RTP optou por continuar com o formato de seleção que tinha sido utilizado no ano anterior, ou seja, foram realizadas três semi-finais, respectivamente nos dias 1, 8 e 15 de fevereiro, com 9 canções cada, das quais 3 classificavam-se para a final, realizada com 9 canções no dia 7 de março, no que marcou a primeira emissão a cores da televisão portuguesa.

Sagrou-se campeão José Cid (1942-), um dos grandes nomes da música popular portuguesa, com a canção *Um grande, grande amor*.

José Cid interpretou sua canção no Eurovisão ao piano, acompanhado de cinco cantores de fundo. Foi a primeira vez que a canção portuguesa incluiu palavras de outras línguas (inglês, francês, italiano e alemão) em sua letra. Talvez este tenha sido um dos motivos para que a canção viesse a ter alcançado a sétima posição entre os 19 países participantes.

Mesmo com o sucesso obtido por José Cid no ano anterior, em 1981 a RTP voltou à sua fórmula antiga de apenas uma final, desta vez com 12 canções, a qual foi realizada no dia 7 de março, sagrando-se campeão Carlos Paião (1957-1988), outro dos grandes nomes da música popular portuguesa, com a canção *Play-back*, que ridicularizava a utilização do *playback* por alguns artistas como recurso para enganar o seu público.

Carlos Paião interpretou a canção no Eurovisão acompanhado de quatro cantores de fundo, compondo com eles uma coreografia moldada na imagem do arlequim, com roupas muito coloridas¹⁹, enfim, muito bem adaptado ao seu tempo, mas o resultado obtido não foi dos melhores, ficando Portugal na penúltima posição entre os 20 países concorrentes.

Em 1982, a RTP seguiu com o mesmo sistema de seleção nacional, sem nenhuma alteração, realizando uma final no dia 6 de março, em que se sagrou vencedora a canção *Bem bom*, interpretada pelo grupo Doce, muito popular em Portugal então e que pode ser considerada como uma das primeiras *girl bands* surgidas em todo o mundo.

As Doce abriram o Eurovisão de 1982, encantando o público com

19 Apresentação ressaltada por O'Connor, *Op. cit.*, p. 87.

uma música fácil de entreter, um figurino baseado nos navegadores portugueses, mas bastante estilizado, acompanhadas de duas coristas e com uma coreografia completamente coordenada ao motivo da canção interpretada. Pode-se dizer que a interpretação das Doce foi uma das de maior impacto de toda a história da participação portuguesa no Eurovisão, mas por terem se apresentado em primeiro lugar, que não é um dos mais populares nem entre os jurados nem entre o público, as Doce acabaram prejudicadas na votação, atingindo apenas o décimo-terceiro lugar entre os 18 concorrentes.²⁰

Em 1983 a RTP seguiu com o mesmo sistema de uma final com 12 canções para selecionar o representante português. Essa final foi realizada no dia 5 de março, sagrando-se campeão Armando Gama (1954-), com a canção *Esta balada que te dou*.

Armando Gama, com uma interpretação ao piano simples demais, não foi mais feliz do que as Doce, também ficando na décima-terceira posição entre os 20 concorrentes.

Talvez pelos dois insucessos seguidos, a RTP tenha resolvido novamente inovar no processo de seleção nacional, realizando uma semi-final com 16 canções no dia 7 de março, seguida em continuidade pela final com as 6 canções selecionadas pelo voto popular.

Saiu vencedora através desse novo processo a canção *Silêncio e tanta gente*, interpretada por Maria Guinot (1945-).

Maria Guinot, ao piano e acompanhada por uma cantora de fundo, foi a última cantora a apresentar-se no Eurovisão de 1984, o que em geral representam muitos votos, e foi mesmo muito bem recebida com aplausos do público presente²¹, mas acabou na décima-primeira posição entre os 19 concorrentes.

20 O'Connor, *Op. cit.*, p.89, compara a apresentação das Doce à forma como se apresentava então o grupo Adam and the Ants, mas, mais uma vez, critica a baixa qualidade do figurino e da música portuguesa, com o qual, nesse caso, discordamos.

21 O'Connor, *Op. cit.*, p. 99, chegou mesmo a dizer ter sido a interpretação de Maria Guinot uma das mais ternas de toda a história do Eurovisão até aquele momento.

Com o resultado obtido por Maria Guinot, a RTP voltou ao sistema antigo de seleção de apenas uma final, desta vez com 11 canções, realizada no dia 7 de março de 1985, onde sagrou-se campeã a canção *Penso em ti, eu sei*, interpretada por Adelaide Ferreira (1959-), um dos nomes mais populares da música popular portuguesa de então.

Havia muita esperança depositada, não só pela RTP, mas também pelo público português em geral, na atuação de Adelaide Ferreira no Eurovisão, mas o resultado foi desastroso, já que a cantora ficou apenas com o penúltimo lugar entre os 19 concorrentes.

Acreditamos que a interpretação de Adelaide Ferreira tenha sido em grande parte prejudicada pelo figurino²², rebuscado e brilhante demais, sendo este um dos aspectos que muitas vezes prejudicaram (e seguem prejudicando) o resultado português no evento europeu.

Mesmo com o resultado desastroso de 1985, e talvez já começando mesmo a desinteressar-se da participação no Eurovisão, a RTP realizou novamente uma final nacional, com o nome de *Uma Canção para a Noruega*, no dia 22 de março de 1986, voltando a ter 12 canções concorrentes.

Sagrou-se campeã a canção *Não sejas mau para mim*, interpretada por Dora (1966-), cantora então em ascensão.

Dora conseguiu a décima-quarta posição entre os 20 países concorrendo no Eurovisão, um resultado novamente fraco, levando-se em conta ter sido a última canção interpretada e em se tratando de uma canção de ritmo bem próximo ao que se fazia no pop britânico de então.

Aqui novamente acreditamos que a apresentação portuguesa tenha sido prejudicada por um figurino mal selecionado.

Em 1987 a RTP resolveu diminuir os gastos com o Festival RTP da Canção, restringindo-o a uma final com 6 canções, realizada no dia 7 de março.

Sagrou-se campeão o duo Nevada com a canção *Neste barco à vela*,

22 Com o que concorda O'Connor, *Op. cit.*, p. 102.

bastante portuguesa na sua temática voltada para o mar e para a saudade.

Os Nevada representaram Portugal acompanhados por duas coristas e dois guitarristas da guitarra portuguesa, sendo um deles o renomado Mário Pacheco. Foi uma interpretação simples e com muito de portuguesa, a qual merecia ter alcançado uma posição bem melhor do que o décimo-oitavo lugar obtido entre os 22 países concorrentes.

Em 1988, a RTP resolveu utilizar uma nova forma de seleção do representante português, abandonando completamente o formato do Festival RTP da Canção e optando por um processo de seleção interna, contendo como pré-seleção o *Prémio Nacional de Música*, realizado no dia 5 de março no Cassino da Figueira da Foz, onde tomaram parte oito canções e sagrou-se vencedora *Déjà vu*, interpretada por Dora.

No entanto, na final interna realizada dois dias depois, nos estúdios da RTP em Lisboa, *Voltarei*, também interpretada por Dora, é que foi a canção vencedora entre as seis canções que tomaram parte, não ficando, assim, muito claro qual teria sido a finalidade de se ter realizado a pré-seleção.

Dora representou, assim, Portugal no Eurovisão pela segunda vez, só que desta feita com uma balada e acompanhada apenas de um coro composto de cinco cantores. Apesar de uma boa interpretação, Dora foi, a nosso ver, novamente prejudicada por um figurino que em nada contribuiu para sua presença no palco e nas telas de TV, ficando Portugal apenas com a décima-oitava posição entre os 21 países participantes.

E assim, sem grandes glórias para Portugal iam chegando ao fim dez anos em que o pop português representou o país no Eurovisão, anos em que, apesar de tentativas de inovações pela RTP no processo de seleção nacional, apesar do sucesso inicial e promissor obtido por Manuela Bravo e José Cid, e apesar de ter enviado nomes representativos do que se fazia de melhor então na música popular portuguesa, pouco o país conseguiu no festival europeu.

Mas, esses resultados poderiam ter sido muito diferentes, se a RTP tivesse investido mais na apresentação das canções que enviou para representar o país, muitas delas de boa qualidade e bastante capazes de conseguir melhores colocações, procurando realizar um trabalho mais concreto de produção, que englobasse uma melhor seleção de figurinos, coros, coreografias e utilização dos recursos de câmara disponíveis.

Esse continua a ser, ainda hoje, e não só no que se refere ao Eurovisão, um dos grandes problemas das artes portuguesas: o de como se faz a sua apresentação fora de Portugal.

Portugal tem vários produtos artísticos, bem como artistas, da mais elevada qualidade, nas mais variadas áreas, mas, quer seja o governo português, quer sejam as companhias portuguesas não sabem utilizar bem o marketing para representar de forma atrativa os seus produtos fora do país.

Com um melhor marketing e uma melhor produção, acreditamos que Portugal teria chegado muito mais longe no Eurovisão nesse período.

VI. Anos de relativo sucesso (1989-1996)

O novo período que analisamos aqui representa o período em que Portugal mais marcou sua presença no Eurovisão, não só por ter obtido melhores resultados, mas por ter tido uma melhor recepção junto aos fãs do festival europeu, e também por ter contribuído para lançar carreiras de intérpretes portugueses que se firmaram não só a nível nacional, como internacional – principalmente europeu.

Com o fracasso do sistema de seleção interna, a RTP voltou em 1989 a realizar o Festival RTP da Canção, ainda que em pequena escala, com cinco canções apenas, no dia 7 de março, sagrando-se vencedora a canção *Conquistador*, interpretada pela banda Da Vinci, que viria a ser uma das bandas de música popular portuguesa de maior sucesso nos anos 90.

Os Da Vinci foram, sem sombra de dúvida, a melhor representação

portuguesa dos anos 80, com uma canção interessante no ritmo e na letra – que falava do Portugal navegador e descobridor, mencionando todos os lugares percorridos pelos portugueses durante as suas navegações ao redor do mundo, mas sem voltar a pregar o espírito colonizador – e uma interpretação bem pop, sem muita preocupação com a coreografia, mas sem se perder em exageros, com um figurino bastante adequado ao da apresentação de uma banda pop.

Infelizmente os Da Vinci ficaram na décima-sexta posição entre os 22 países participantes, um resultado bastante injusto, principalmente se se considerar que o vencedor de 1989, outra banda, só que da Iugoslávia, foi um dos vencedores mais fracos de toda a história do festival, num resultado comprovadamente de fundo político.

No entanto, apesar desse resultado, os Da Vinci continuaram a ter uma carreira estável e de sucesso, não só em Portugal, mas também em outros países da Europa e no Canadá por todos os anos 90.

Em 1990 a RTP resolveu ampliar novamente o Festival RTP da Canção, voltando a ter dez canções em competição e dando-lhe um nome diferente – que só seria usado nesse ano – *Gostamos de Estar Consigo*. O evento foi realizado no dia 10 de março e sagrou-se campeã Nucha (1966-), que iniciara carreira nos anos 80, mas que viria a ter mais sucesso depois de sua vitória no Festival RTP, com a canção *Há sempre alguém*.

Nucha representou Portugal no Eurovisão com um figurino ridículo²³ e uma interpretação bastante insegura, apesar de acompanhada de três coristas e de dois instrumentistas (um batedor e um tecladista), não conseguindo mais do que a vigésima posição entre os 22 países participantes.

Mesmo com o fracasso de Nucha, a RTP realizou no dia 7 de março de 1991 o Festival RTP da Canção, dessa vez com oito canções concorrendo, onde sagrou-se campeã Dulce Pontes (1969-) – quanto ainda era

23 Extremamente criticado por O'Connor, *Op. cit.*, p. 122.

conhecida apenas como Dulce – com a canção *Lusitana paixão*.

Dulce (Pontes) iniciara sua carreira profissional em 1988 como atriz de musicais do Teatro Maria Matos, mas tornara-se popular junto ao grande público já no ano seguinte depois de sua participação em programas de TV, com destaque para *Regresso ao Passado*. Foi justamente a vitória no Festival RTP, e o posterior sucesso no Eurovisão, que possibilitaram a sua carreira como cantora, tanto do fado como da música popular em geral.

Dulce representou Portugal com uma canção com muito de portuguesa – tanto na música como na letra, que falava de negar-se o pessimismo que trazia o fado, mas sem esquecer-se de que esse mesmo fado está impregnado na alma portuguesa – de forma magistral, naquela que pode ser considerada uma das melhores representações de Portugal no Eurovisão. Talvez o único senão na apresentação de Dulce tenha sido o seu figurino, novamente muito mal selecionado²⁴. Em todo o caso, Dulce obteve o oitavo lugar entre os 22 países participantes, num ano dos mais disputados da história do evento europeu, o melhor resultado português desde 1980.

Entusiasmada com o resultado obtido em Roma, a RTP resolveu novamente ampliar o Festival RTP da Canção, voltando a colocar dez canções em competição. O Festival foi realizado no dia 7 de março e sagrou-se campeã Dina (1956-), cantora que já tinha um certo nome na música popular portuguesa, com a canção *Amor d'água fresca*.

Dina interpretou sua canção no Eurovisão acompanhando-se ao violão, acompanhada de uma banda e de duas coristas, mas foi uma representação simples demais comparada com o das outras canções concorrentes, ainda mais tendo-se em consideração ser a canção de Dina uma canção também simples demais, por isso mesmo o resultado obtido não foi dos melhores: décima-sétima posição entre os 23 países participantes.

24 Novamente um figurino criticado por O'Connor, *Op. cit.*, p. 126.

Com o fracasso de Dina no Eurovisão, a RTP voltou ao Festival com apenas oito canções concorrentes. O Festival, realizado no dia 11 de março de 1993, teve como campeã Anabela (1976-), que vinha de ter sido a vencedora infantil da Grande Noite do Fado de 1989 e de ter representado Portugal no Festival Internacional de Sopot, na Polônia, em 1991, com a canção *A cidade (até ser dia)*.

Anabela, com apenas 16 anos, interpretou sua canção no Eurovisão de forma simples e melodiosa, cheia de graça e com um figurino simples, acompanhada de quatro músicos – um deles ao piano – e uma corista, obtendo o décimo lugar entre os 25 países concorrentes.

A vitória no Festival RTP e o sucesso obtido no Eurovisão abriram definitivamente as portas do sucesso para Anabela, hoje uma das mais conceituadas cantoras e atrizes de musicais de Portugal.

Com o sucesso obtido por Anabela, a RTP realizou no mesmo formato o Festival com oito canções concorrentes no dia 10 de março de 1994, onde venceu a canção *Chamar a música*, interpretada por Sara Tavares (1978-), jovem de ascendência cabo-verdiana que havia sido descoberta pelo programa de caça-talentos da SIC, *Chuva de Estrelas*, na sua primeira edição (1993/1994), o qual acabou por ter vencido.

Sara Tavares representou Portugal no Eurovisão sozinha no palco, mas com uma interpretação primorosa, simples e cheia de graça de uma canção forte e que tinha até mesmo possibilidades de ter vencido o evento, mas que acabou ficando apenas com a oitava posição entre os 25 países participantes.

A vitória no Festival RTP e o sucesso obtido no Eurovisão abriram definitivamente as portas do sucesso para Sara Tavares, hoje um grande nome português no cenário da *world music*.

Com os dois sucessos seguidos no Eurovisão, a RTP seguiu com o mesmo formato de oito canções concorrentes, realizando o Festival RTP de 1995 no dia 7 de março, onde saiu vencedora a canção *Baunilha e chocolate*, que falava sobre mestiçagem e aceitação racial, interpretada por Tó Cruz(1967-), como Sara Tavares de ascendência cabo-verdiana.

Tó Cruz representou sua canção no Eurovisão acompanhado de um coro africano com uma certa coreografia, mas tudo de forma muito simples, o que não contribuiu para destacá-lo entre os 23 concorrentes, acabando por ficar apenas no vigésimo-primeiro lugar.

Mesmo não tendo muito sucesso no Eurovisão, a sua participação abriu para Tó Cruz uma série de novas oportunidades na carreira, fazendo com que ele seja hoje um dos nomes mais importantes da música *soul* em Portugal.

Em 1996 a RTP resolveu voltar a ter dez canções concorrendo no Festival, que foi realizado no dia 7 de março.

Foi nesse Festival que sagrou-se vencedora a canção que segue sendo aquela a ter dado a melhor colocação a Portugal numa final do Eurovisão: *O meu coração não tem cor*, uma canção misturando muito da típica música folclórica portuguesa com o pop étnico em geral, e com uma letra falando da língua portuguesa pelo mundo, da mestiçagem e da receptividade do povo português, interpretada por Lúcia Moniz (1976-), a qual veio a ficar famosa com essa vitória e que hoje tem uma carreira de peso em Portugal tanto como cantora quanto como atriz.

Lúcia Moniz apresentou-se no Eurovisão acompanhando-se ao cavaquinho em alguns momentos da sua interpretação, acompanhada de quatro cantores de fundo, os quais utilizavam também instrumentos folclóricos típicos, vestindo um traje típico português, embora estilizado, e com uma utilização excelente dos efeitos proporcionados pelas câmeras e pelo uso das cores, ligando-os ao sentido proporcionado pela letra da canção contrária ao racismo.

Parecia a receita perfeita para Portugal ganhar o Eurovisão. Não ganhou, mas chegou à sua melhor colocação até os dias atuais: sexta posição, entre 23 países.

Os oito anos aqui analisados foram os mais representativos de que Portugal, mesmo com o aumento no número de países participantes a partir da derrubada do Muro de Berlim, tinha chances de ter ganhado o Eurovisão.

Cremos que essa vitória poderia ter vindo em 1989, quando o resultado final foi dos mais desastrosos com uma canção completamente insignificante em todos os sentidos vencendo apenas por óbvias razões políticas, em 1993 e em 1994, quando apenas continuava o marasmo das vitórias irlandesas e do predomínio da língua inglesa, e ainda em 1996, quando novamente venceu uma canção irlandesa de pouca expressão, mas apoiada no *boom* da música *healing*.

O mais difícil, no entanto, é entender-se porque Portugal – e mais especificamente a RTP – não tentou seguir com a receita do sucesso de 1996 para chegar mais longe, acabando por chegar ao fracasso completo de 1997, como analisaremos logo a seguir.

VII. Do zero à indiferença (1997-2002)

Mesmo com o sucesso alcançado por Lúcia Moniz no ano anterior, a RTP não realizou nenhuma inovação quanto ao processo seletivo do representante português, antes tendo diminuído o número de canções em competição de dez para oito.

Assim, realizou-se no dia 7 de março de 1997 o XXXIII Festival RTP da Canção, onde sagrou-se vencedora a canção *Antes do adeus*, interpretada por Célia Lawson (1974-), originalmente vocalista de várias bandas de roque – ao qual voltaria depois do fracasso no Eurovisão – que tinha chamado a atenção por ter sido uma das finalistas do programa de caça-talentos *Chuva de Estrelas* de 1996.

Célia Lawson foi representar Portugal no Eurovisão sob muita expectativa e com uma canção pop bem interessante. A cantora interpretou sua canção sem maiores dificuldades e vestindo um sóbrio vestido negro, mas foi prejudicada pelo coro masculino que a acompanhou, coro este que se apresentou fora do tom, fora de coordenação e com um inconveniente estalar de dedos e falas que só prejudicaram a canção.

Por tudo isso não é de se espantar que Portugal tenha não só ficado

na última posição (vigésima-quarta), juntamente com a Noruega, mas que não tenha recebido nenhum ponto e tenha ficado com o vergonhoso *nul points*, sendo essa a pior colocação que Portugal já teve numa final do Eurovisão até hoje.

Mesmo com esse estrondoso fracasso, a RTP não se preocupou em fazer qualquer modificação no processo seletivo nacional, voltando a realizar o Festival RTP da Canção nos mesmos moldes do ano anterior, ou seja, com oito canções em competição, no dia 7 de março de 1998.

A vencedora de 1998 foi a canção *Se eu te pudesse abraçar*, interpretada pelo grupo Alma Lusa, formado especialmente por José Cid – que se apresentava no acordeão e fazia os coros – para competir no Festival. O grupo era composto, além de José Cid, por Carlos Jesus, na guitarra portuguesa; Henrique Lopes, na percussão; Carlos Feirreirinha, no cavaquinho; Pedro Soares, na gaita de foles, e; pela cantora Inês Santos.

Novamente com uma música estritamente de raízes étnicas portuguesas, calcada em grande parte no folclore e utilizando instrumentos que em geral compõem a interpretação tanto da música folclórica portuguesa, como da música ligeira nacional e do fado, o Alma Lusa interpretou muito bem sua canção e merecia ter tido um resultado bem melhor, mas mesmo assim conseguiu trazer Portugal de volta às boas colocações, chegando ao décimo-segundo lugar entre os 25 países participantes.

Em 1999, a RTP realizou novamente o Festival sobre os mesmos moldes dos dois anos anteriores no dia 8 de março e entre as oito canções concorrentes saiu vencedora *Como tudo começou*, interpretada por Rui Bandeira(1973-), que vinha de uma carreira como vocalista de várias bandas.

Rui Bandeira apresentou-se no Eurovisão sem muita expressividade, acompanhado de três instrumentistas e duas coristas, acabando por conseguir apenas a vigésima-primeira posição entre os 23 países participantes.

Com o aumento do número de países desejando participar do Eurovisão, foi decidido pela UER que seria feita uma seleção dos países que poderiam participar em 2000 com base nos resultados obtidos nos três anos anteriores. Como Portugal tinha obtido resultados bastante aquém do positivo, aí incluídos o zero de 1997, ficou decidido que o país seria excluído do Eurovisão de 2000.

Mesmo tendo sido excluída do certame europeu, a RTP resolveu realizar em 2000 o Festival RTP da Canção no dia 26 de março no mesmo molde dos anos anteriores, saindo vencedora entre as oito canções *Sonhos mágicos*, interpretada por Liana (1979-), a mais nova revelação de então do fado.

Não tendo participado no ano anterior, Portugal recebeu o direito de enviar um representante nacional para o Eurovisão de 2001. Sendo assim, a RTP realizou no dia 7 de março o Festival RTP da Canção, onde voltaram a competir 10 canções. A vencedora foi *Só sei ser feliz assim*, interpretada pelo duo MTM, formado por Marco Quelhas, de algum renome na música popular portuguesa por ter sido um dos membros da banda Karamuru, e o angolano Tony Jackson.

Os MTM apresentaram-se no Eurovisão vestindo ternos de cor oposta ao de sua pele, respectivamente branco para Tony Jackson e preto para Marco Quelhas, acompanhados de três coristas, fazendo uma coreografia sem muito entusiasmo. Num dos anos mais concorridos do Eurovisão, a apresentação de Portugal foi novamente muito inexpressiva e o país não conseguiu mais do que o décimo-sétimo lugar entre os 23 países participantes.

Com o novo fracasso, Portugal decidiu por conta própria não participar no Eurovisão de 2002 e revelando o total descaso da RTP com relação ao evento, a emissora decidiu não realizar nem mesmo o Festival da Canção, o que não acontecia desde a seleção interna de 1986, e se considerarmos que nesse ano a emissora tinha se empenhado mesmo assim em realizar um evento para escolher o candidato nacional, veio a ser a primeira vez que não se realizou nenhum evento de seleção

de música nacional desde 1964.

O período analisado aqui – de 1997 a 2002 – revela o choque que o zero recebido por Célia Lawson em 1997 gerou nos meios televisivos, e mesmo musicais, portugueses, acabando por gerar o descaso pela participação no Eurovisão.

Mesmo com o sucesso relativo obtido pelo Alma Lusa, o qual acreditamos que poderia ter conseguido pelo menos uma colocação entre as cinco melhores canções de 1998, o fracasso da participação de Rui Bandeira, a exclusão de 2000, e o fracasso relativo dos MTM, acabariam por gerar o afastamento da RTP em 2002.

Mas, tal como aconteceu no caso espanhol²⁵, o surgimento de um novo fenômeno de audiência, o programa de caça-talentos *Operação Triunfo*, modificariam essa forma de encarar o Eurovisão, pelo menos no que se refere aos dois próximos anos.

VIII. Novas estratégias de participação (2003-2005)

A RTP comprou o formato espanhol de grande sucesso, *Operación Triunfo*, e no dia 16 de fevereiro de 2003 estreava na RTP1 a *Operação Triunfo*, programa de caça-talentos que em Portugal teria, pelo menos até o momento, quatro edições.

Com o sucesso de audiência obtido pelo programa na sua primeira edição – entre os dias 16 de fevereiro e 1 de junho de 2003 – a RTP resolveu utilizar, como já vinha fazendo a sua congênere espanhola – o programa como forma de selecionar o representante português ao Eurovisão.

Na primeira edição sagrar-se-ia vencedora Sofia Barbosa, a qual se recusaria a representar Portugal em 2004, mas como a final do programa não poderia ser utilizada a tempo de escolher o representante

²⁵ Caso esse que analisamos em: Neves, Mauro, “50 anos de Eurovisão: A Espanha e o que mudou no seu relacionamento com o Festival Eurovisão da Canção” in: *Sophia Journal of European Studies*, 3, 2010, pp. 29-60.

português de 2003, a RTP realizou uma forma especial de escolhê-lo, utilizando duas emissões – 23 de fevereiro e 2 de março – do programa para selecionar a canção que representaria o país no Eurovisão, ficando a interpretação a cargo de Rita Guerra (1967-), selecionada internamente pela RTP, que iniciara sua carreira musical em 1989 e a essa altura era já um dos maiores nomes da música popular portuguesa. A canção selecionada por esse processo, tendo recebido 75% dos votos do público, na primeira vez que a canção representante dos portugueses foi escolhida inteiramente pelo público, foi *Deixa-me sonhar (só mais uma vez)*.

Rita Guerra representou Portugal no Eurovisão com uma versão da canção que tinha os últimos versos cantados em inglês, sendo essa a primeira vez que Portugal incluía palavras em outra língua além do português desde a apresentação de José Cid em 1980.

Acompanhada por um pianista e três cantores de fundo, Rita Guerra, muito bem vestida e maquiada, interpretou primorosamente a sua canção, de forma sóbria, confirmando ser uma das vozes mais perfeitas da atual música popular portuguesa.

No entanto, numa das maiores injustiças da história das participações portuguesas (talvez igualada apenas por 1969), Rita Guerra ficou apenas com o vigésimo-segundo lugar entre os 26 países participantes.

Com a injustiça sofrida, a RTP resolveu fazer como sua congênere espanhola e escolher o representante português de 2004 completamente através do programa *Operação Triunfo*, agora na sua segunda edição.

A segunda edição da *Operação Triunfo*, que teve menor audiência do que a primeira, teve início no dia 28 de setembro de 2003 e estendeu-se até o dia 25 de janeiro de 2004.

Na emissão do dia 18 de janeiro, quando ficaram selecionados como os três finalistas do programa, Sofia Vitória (1979-), Pedro e Gonçalo, foram também apresentadas as três canções concorrentes a representar Portugal no Eurovisão, cada uma delas interpretada por um dos finalistas, e anunciado que o público português teria uma semana para votar e decidir qual canção e qual intérprete o iria representar em

Istambul, onde se realizava o Eurovisão daquele ano.

Assim sendo, na emissão do dia 25 de janeiro foi anunciado que a vencedora era Sofia Vitória, interpretando *Foi magia*.

Sofia Vitória foi ao Eurovisão acompanhada de quatro de seus colegas no programa – entre eles os dois outros finalistas, Pedro e Gonçalo – como cantores de fundo, compondo com eles uma coreografia inédita até então para Portugal.

Infelizmente, nesse ano em que foi instituído pela UER o sistema de uma semi-final e uma final para o Eurovisão, mesmo com a interpretação sem erros de Sofia Vitória e dos seus companheiros, a canção não trazia nada de novo e era muito repetitiva, fazendo com que Portugal fosse eliminado na semi-final.

Com o insucesso de Sofia Vitória no Eurovisão e a queda das audiências, a RTP desistiu de produzir uma nova edição da *Operação Triunfo* em 2004/2005, só o voltando a fazer em 2007.

Em 2005, sem a *Operação Triunfo* e tentando cortar gastos, a RTP não realizou nenhum tipo de seleção nacional, optando por uma seleção completamente interna pela primeira vez na história da participação portuguesa no Eurovisão, já que em 1986, quando a seleção também tinha sido interna, como vimos, havia sido realizado primeiramente um programa de pré-seleção.

A canção escolhida para representar o país foi *Amar*, contendo uma letra ocupada em grande parte pelo inglês em detrimento do português, e os intérpretes escolhidos foram Luciana Abreu (1985-), cantora e atriz que iniciara sua carreira em 1999, e Rui Drummond, que havia participado da primeira edição do *Operação Triunfo*, formando o duo 2B.

Mesmo com a maior parte da letra em inglês e recebendo pontuação elevada nos países com imigração portuguesa, a interpretação do duo português no Eurovisão não foi das melhores, com os dois muitas vezes fora do tom, uma coreografia bem elaborada, mas mal dançada e um inglês muitas vezes inaudível e incompreensível.

Acreditamos ter sido essa uma das piores representações portuguesas

em toda a história da sua participação no Eurovisão, não sendo surpresa nenhuma que Portugal tenha sido novamente eliminado na semi-final.

Apesar de ter tentado inovar o sistema de seleção nacional durante três anos seguidos, os resultados obtidos pela RTP foram muito aquém do esperado e, se a classificação final de Rita Guerra pode ser considerada uma das mais injustas da história do Eurovisão, o mesmo não se pode dizer dos desastres que foram as canções escolhidas para representar o país tanto em 2004 como em 2005.

Talvez por esses resultados nada satisfatórios e pela pressão do público português, a RTP tenha decidido em 2006 trazer de volta – e sob nova roupagem – o Festival RTP da Canção.

IX. A Volta do Festival RTP (2006-2011)

O Festival RTP da Canção voltava a ser realizado depois de quatro anos no dia 10 de março de 2006, com dez canções concorrentes e com um novo sistema de votação, o qual incluía cinco jurados, os votos do público que assistia ao vivo e o televoto. Sob esse novo sistema sagrou-se vencedora a canção *Coisas de nada*, interpretada pelo *girl group* Nonstop, formada originalmente em 2001 com as cinco vencedoras do concurso musical *Popstars*, emitido pela SIC nesse mesmo ano, mas que à altura da participação no Festival já tinha apenas quatro membros.

A canção em si não era das piores em competição, embora não fosse também das melhores, mas era já bastante desatualizada do ponto de vista do pop internacional, já que muito calcada no modelo das Spice Girls.

Foi com essa mesma forma de representação que as Nonstop levaram a canção ao Eurovisão, numa coreografia desconexa, uma interpretação vocal pobre, misturando inglês e português, e o pior figurino que Portugal já levou ao Eurovisão, além de bastante vulgar. Assim, não é de se espantar que Portugal tenha ficado de novo pela semi-final e que as Nonstop tenham recebido –merecidamente – o Prêmio Barbara Dex,

prêmio entregue pelos fãs do Eurovisão anualmente desde 1997, pelo pior figurino de 2006.

Mesmo com o fracasso das Nonstop, a RTP seguiu no ano seguinte o mesmo formato de 2006 para a seleção nacional, realizando o Festival RTP da Canção com dez canções concorrentes no dia 10 de março de 2007, inovando apenas no sistema de votação, o qual ficou concentrado apenas no televoto do público. Saiu vencedora Sabrina(1982-), cantora completamente estreada, com a canção *Dança comigo (Vem ser feliz)*, produzida por Emanuel, criador do gênero de música pimba²⁶, gênero bastante popular em Portugal desde 1994 e que, assim, chegava pela primeira vez ao Eurovisão.

Sabrina representou Portugal no Eurovisão com uma nova versão da canção contendo palavras em inglês, francês e espanhol na repetição do refrão. Foi uma das melhores representações de Portugal, com uma música alegre, uma coreografia bem elaborada (com a participação de um par de bailarinos profissionais), um bom acompanhamento das três coristas e um figurino branco simples. O único senão foi a utilização de três leques gigantescos que não se relacionavam em nada à canção. Portugal foi novamente eliminado na semi-final, mas desta vez muito injustamente e apenas por três pontos de diferença da Moldávia, que trazia uma canção muito menos interessante, mas que foi beneficiada pelo voto da sua diáspora, bem como pelo voto de vizinhança.

Em 2008 a RTP seguiu novamente o mesmo modelo e novamente utilizou apenas o televoto como forma de votação. Assim sendo, o Festival RTP foi realizado no dia 9 de março com dez canções concorrentes, onde sagrou-se vencedora a canção *Senhora do mar*, interpretada por Vânia Fernandes(1985-), vencedora da terceira edição do *Operação Triunfo*, que voltara a ser realizado pela RTP entre 22 de setembro de 2007 e 19 de janeiro de 2008.

²⁶ Sobre esse gênero musical tipicamente português recomendamos consultar Marques, Francisco Manuel, *O Pimba: Um fenómeno musical*. Lisboa, Sete Caminhos, 2006.

Com uma canção excelente, não só pela letra de autoria de Carlos Coelho, com bastante do espírito português, sobretudo pela criação de uma imagem vinculada ao mar e aos ventos, mas também pela música composta pelo esloveno Andrej Babič (sendo essa a primeira vez que Portugal foi representado por uma canção composta por um estrangeiro), com experiência no Eurovisão, que dava a ela um ar étnico e ao mesmo tempo bem ligado ao gosto europeu pelo *world music*, Vânia Fernandes chegou ao Eurovisão, no ano em que foi estabelecido pela UER o sistema de duas semi-finais e uma final, como uma das favoritas para ganhar o evento europeu.

Na semi-final em que participou, Vânia Fernandes passou para a final na segunda posição, chegando à final como uma das favoritas incontestes e recebendo uma ovação do público presente até então inédita para um representante português.

Na final, Vânia Fernandes repetiu a sua interpretação primorosa da canção, com ares de fado, sem o ser, roupas sóbrias, acompanhada por cinco de seus colegas na *Operação Triunfo*, formando uma coreografia e um coro simples, mas bem ensaiados, e um figurino simples, onde se contrastava o negro de Vânia Fernandes com o branco dos coristas. Foi também a primeira vez que Portugal fez um uso muito bem elaborado dos recursos técnicos oferecidos – luzes, câmeras e vento.

Infelizmente, com uma votação nitidamente política e de vizinhança que deu a vitória à Rússia, Portugal foi praticamente “roubado” do título muito merecido de campeão²⁷, ficando apenas na décima-terceira

27 Uma das provas do reconhecimento dessa canção como uma das melhores de 2008 vem a ser o fato de ter sido ela a agraciada com o Prêmio Marcel Benzençon de Melhor Canção de 2008 segundo os jornalistas presentes no Eurovisão. Este prêmio foi criado em 2002 e é atribuído em três categorias para uma entre as canções concorrentes a cada ano: uma categoria selecionada pela imprensa presente – *Press Award* (a categoria em que *Senhora do mar* foi agraciada); uma categoria oferecida pelos comentaristas presentes de cada país – *Artistic Award*, a qual até 2009 era oferecida através do resultado de uma votação realizada entre os antigos vencedores do Eurovisão, e; uma categoria oferecida pelos compositores das canções concorrentes – *Composer Award* – ao melhor compositor. Poucas vezes desde a sua criação, a canção vencedora do Eurovisão foi agraciada em alguma das três categorias, sendo as exceções: 2003, 2006 e 2009 (quanto ao *Press Award*), e; 2004 e 2007 (quanto ao *Artistic Award*).

posição entre os 25 países que estiveram presentes na final.

Mesmo com a injustiça sofrida, mas animada pelo sucesso obtido por Vânia Fernandes, a RTP resolveu inovar no formato do Festival RTP da Canção, dando-lhe nova roupagem, aumentando o número de canções concorrentes para doze, e modificando o sistema de votação com a criação dos júris por distrito (num total de 20 distritos, incluindo os distritos continentais, Madeira, Açores, Lisboa e Porto), juntando esse resultado ao do televoto do público. Além disso, seguindo o modelo espanhol, foi previamente realizada uma pré-seleção das canções pela internet.

Sob esse novo formato de seleção, realizado no dia 28 de fevereiro de 2009, saiu vencedora a canção *Todas as ruas do amor*, interpretada pela banda Flor-de-Lis, um grupo musical criado em 2004 que produz uma música de raízes folclóricas portuguesas, mas com influências de músicas populares de outros locais, especialmente América Latina e África, acabando por criar uma música de cor étnica, mas profundamente portuguesa na sua essência, embora com ares de música popular.

Os Flor-de-Lis, com uma música simples, com teores folclóricos e um uso muito bom dos recursos visuais de fundo – muitas cores e luzes – num ano em que predominaram as canções mais sóbrias, passaram sem problemas, no oitavo lugar, para a final no Eurovisão. E na final seguiram com o mesmo estilo de apresentação de forma muito bem integrada como grupo, revelando uma completa harmonia musical, com leveza e utilização de instrumentos folclóricos dando uma cor toda especial à apresentação portuguesa.

Infelizmente, Portugal não conseguiu mais do que a décima-quinta posição entre os 25 países participantes na final, mas ficou evidente que o caminho que deveria ser seguido pelo país para continuar a passar para a final do Eurovisão era o da escolha de uma canção que tivesse bastante do espírito português.

Aparentemente entusiasmada com o fato de Portugal ter passado

à final por dois anos seguidos, a RTP resolveu novamente inovar o processo de seleção nacional e, depois de uma pré-seleção das canções concorrentes pela internet, foram realizadas duas semi-finais, respectivamente nos dias 2 e 4 de março de 2010, com 12 canções cada, classificando-se seis canções de cada semi-final para a final, que foi realizada no dia 6 de março. O sistema de votação continuou sendo o mesmo do ano anterior, sagrando-se vencedora, pela diferença de apenas um voto, a canção *Há dias assim*, interpretada por Filipa Azevedo (1991-), vencedora do concurso televisivo *Família Superstar*, emitido pela SIC em 2007.

Portugal seguiu, assim, para o Eurovisão com uma balada muito difícil de ser interpretada e sem grande apoio financeiro da RTP, com a presente crise econômica já começando a atingir Portugal em cheio.

No entanto, a interpretação primorosa de Filipa Azevedo, acompanhada ao piano pelo autor da canção – Augusto Madureira – e por três coristas, sem coreografia, mas com um uso muito bom do *close up* e com um figurino elegante e simples, levou Portugal novamente para a final, onde terminaria em décimo-oitavo lugar entre os 25 países participantes.

Com a crise econômica se agravando pelo país e o corte de verbas atingindo a RTP, a empresa realizou um Festival RTP bem mais simples que o do ano anterior em 2011.

Mesmo tendo conservado a pré-seleção pela internet, foi realizada apenas uma final com doze canções no dia 5 de março.

Embora tenha seguido o mesmo sistema de votação adotado nos dois anos anteriores, houve uma grande polêmica quanto ao resultado final, principalmente porque muitos dos júris distritais haviam feito sua avaliação apenas com base em cópias sonoras, sem imagens, das canções apresentadas.

Apesar da controvérsia, os Homens da Luta, grupo musical e cômico, formado pelos irmãos Vasco e Nuno Duarte, que realiza canções que são paródias das canções de intervenção da época revolucionária,

foram sagrados vencedores com a canção *A luta é alegria*, canção esta que reflete em muito o momento de crise econômica atravessada por Portugal, mas que não apresentava nenhuma chance de sucesso no Eurovisão.

Os Homens da Luta – sem dúvida alguma, a escolha mais controversa de toda a história das participações portuguesas no Eurovisão – apresentaram-se em Dusseldorf com um figurino lembrando personagens dos anos 70, como é sua marca registrada, e utilizando placas em várias línguas que traduziam o título da canção. Como era previsto esse tipo de canção não agradou em nada ao público presente, que recebeu Portugal com muitas vaias – o que já havia acontecido no próprio Festival RTP quando o grupo tinha sido anunciado como o campeão de 2011 – e sem nenhum real interesse pelo apelo político da canção. O mesmo desinteresse refletiu-se no resultado da votação, com Portugal ficando pela semi-final.

Não é difícil entender que os Homens da Luta tenham conquistado a maior parte dos votos oriundos do televoto pelo público em Portugal, já que representavam uma crítica à crise econômica – e porque não dizer também política – porque estava passando o país naquele momento, mas é praticamente inexplicável porque jurados ligados ao mundo musical por todo o país tenham escolhido uma canção-paródia e pobre musicalmente para representar o país no certame europeu, ao invés de tantas outras melhores concorrentes.

Como já mencionamos, nesses anos em que o Festival RTP voltou e em que o Eurovisão passou a ter duas semi-finais viu-se confirmado por três anos seguidos ser possível Portugal passar à final, desde que tendo uma música com características étnico-portuguesas ou uma balada bem apresentada e estruturada, e desde que venha a ser feita uma apresentação bem produzida, tanto do ponto de vista do figurino, como da coreografia e dos recursos técnicos disponíveis. No entanto, com a escolha dos Homens da Luta em 2011 confirmou-se também que nem sempre os gostos nacionais podem ser entendidos como uma

boa opção para o certame europeu e que se faz necessária uma melhor estruturação do sistema de votação em uso atualmente no processo de seleção nacional, incluindo-se aí uma melhor avaliação das canções apuradas para e pelo processo de pré-seleção através da internet.

X. Conclusão

Depois de acompanharmos o caminho percorrido por Portugal no Eurovisão desde 1964 até 2011 – em 45 participações – cabe agora voltar ao ponto principal que nos propusemos a analisar neste artigo: por que Portugal nunca conseguiu ganhar o Eurovisão?

Portugal continua a ser um dos poucos países – juntamente com Malta, Chipre e a Islândia – a terem começado a participar no Eurovisão quando o número de países participantes muitas vezes não excedia os 20 e nunca terem vencido o certame europeu. E Portugal é mesmo o em pior situação entre os quatro, já que sendo o que participa há mais tempo, e o único entre eles que nunca conseguiu chegar a ficar entre os cinco primeiros colocados.

Como já vimos nesse artigo, uma das causas principais para a falta de sucesso portuguesa no Eurovisão constitui-se na falta de uma visão mais ampla no que se refere à produção das representações portuguesas, no que difere muito tanto do Chipre, como de Malta e da Islândia, os quais foram, quase sempre, aprimorando a produção de seus representantes ao longo da história da sua participação no Eurovisão.

Por outro lado, no que vemos como um fator positivo do ponto de vista cultural, Portugal continua a ser, em grande parte, um dos poucos países que continua a insistir em representar-se na sua língua pátria, o que acaba por prejudicar os seus resultados, mas que não pode ser visto como a causa principal disso.

Então, qual seria a causa principal do fracasso português no Eurovisão?

Talvez fosse mais fácil responder essa questão se pensássemos novamente nos seus poucos sucessos, com destaque para 1971, 1991, 1996 e 2008, quando Portugal se fez representar por uma canção com características completamente portuguesas, mas sem desprezar a sua incorporação ao contexto mais amplo do pop europeu.

Sendo assim, a causa principal do fracasso português poderia ser por um lado ignorar o gosto fora das fronteiras nacionais e por outro não se fazer representar bem no contexto europeu.

O principal reflexo dessa falta de tato, ou mesmo de política de investir no sucesso anterior, vem a ser o abandonar características portuguesas por completo ou especificá-las demais.

Como já mencionamos, essa parece ser uma dificuldade da política cultural portuguesa como um todo, a de não saber vender bem o seu produto fora das fronteiras nacionais.

Poderíamos citar inúmeros exemplos, mas aqui vamos nos restringir ao âmbito da música portuguesa no Eurovisão.

Por que Portugal, que também tem uma diáspora considerável dentro da Europa, não consegue reunir essa diáspora para votar pelo país – embora isso já tenha acontecido – como conseguem a Grécia e a Turquia, por exemplo?

Seria interessante aqui fazer – ou pelo menos tentar fazer – a comparação entre como a Grécia se faz representar no Eurovisão e de como o faz Portugal.

A Grécia veio evoluindo desde a sua primeira participação, conquistando o público europeu, sobretudo com uma música de raízes étnicas, sem deixar de sê-lo pop também, quer quando cantada inteiramente em inglês, quando cantada inteiramente em grego, ou quando misturando as duas línguas, utilizando de forma muito estruturada tanto os recursos técnicos oferecidos, como a coreografia como recurso para conseguir votos. O país conseguiu pouco a pouco fazer de sua participação no Eurovisão um show por completo, chegando a vencer o certame europeu em 2005 e a manter-se sempre entre os dez

países melhores colocados desde 2004.

Como vimos neste artigo, Portugal, pelo contrário, ficou sempre percorrendo um caminho de altos e baixos, não conseguindo se estabelecer como um dos países mais representativos no Eurovisão.

E Portugal nem se pode queixar que não poderia ter tido melhores resultados com o televoto, já que, como mencionamos, tem uma diáspora dentro da Europa quase do mesmo tamanho da grega.

E nem pode dizer ter sido prejudicado nos últimos anos pela falta de recursos financeiros, porque essa mesma falta afeta a Grécia.

E pelo lado do voto de vizinhança ou político, a Grécia só desfruta do voto cipriota (talvez pudesse se dizer que nos últimos anos de alguma forma também do apoio armeno e búlgaro, embora em menor escala), enquanto Portugal, embora quase sempre apoiando de forma maciça a Espanha, nunca tenha conseguido muito apoio desta, o que também não poderia ser usado como justificativa para o sucesso grego e o fracasso português.

Portugal, ou mais especificamente a RTP, tinha que investir melhor na produção de seu representante.

Então, haverá ainda chance de Portugal vencer o Eurovisão?

Queremos crer que sim, mas para isso o país precisaria realizar uma seleção nacional que tivesse um sistema de votação melhor estruturado para que nomes artísticos de peso resolvessem voltar a participar – o que foi em grande parte prejudicado com o resultado de 2011 – ou fazer como muitos países já o fazem: escolher internamente um grande nome do cenário português e realizar um programa seletivo da canção.

Uma última sugestão para uma vitória portuguesa seria levar um fado – o que até hoje nunca aconteceu – representando Portugal, porque este continua a ser o gênero de música portuguesa mais conhecido mundialmente, o que poderia fazer, com um nome conhecido do público europeu, com que o país finalmente ganhasse o festival europeu.

Se não pode contar com o voto político e não pode apoiar-se completamente na sua diáspora, Portugal precisa de uma grande

canção, de um grande intérprete e de uma boa produção para conquistar o público e os jurados.